

43º Encontro Anual da Anpocs

SPG08 Direitas no Brasil Contemporâneo

O ANTICOMUNISMO MILITANTE DE OLAVO DE CARVALHO

Leonardo Puglia¹

Caxambu-MG, 2019

¹ Doutorando em Ciências Sociais pela PUC-Rio e professor nos cursos de Comunicação Social e Administração de Empresas da FSMA, em Macaé-RJ. E-mail: leopuglia@gmail.com

INTRODUÇÃO

“Nada que se diga contra os comunistas é discurso de ódio. Porque eles são os donos absolutos não só do discurso de ódio, mas como da prática do ódio assassino. Ninguém os superou nisso. Nem os nazistas os superaram nisso. Se você somar todas as matanças de governos de direita no mundo não dá 10% do que os comunistas fizeram. Então falar mal de comunista, chamar comunista de assassino, de monstro, é inteiramente justificado, porque eles são realmente isso” (2019).

Foi o que declarou Olavo de Carvalho de maneira serena diante das câmeras. Ao longo de mais de três décadas de atuação como profissional de comunicação e conferencista, Carvalho deu duas entrevistas às TVs do grupo Globo. As duas para o mesmo Pedro Bial. A primeira em 1997, na *GloboNews*, durante o governo Fernando Henrique Cardoso; e a segunda em abril de 2019, cinco meses após Jair Bolsonaro deixar seu best-seller *O Mínimo que Você Precisa Saber Para não ser um Idiota* (2013) propositalmente sobre a mesa em sua primeira fala à nação como presidente da república.

Era justamente essa influência direta sobre o chefe do Poder Executivo que trazia de volta à emissora o jornalista experiente desligado do grupo empresarial da família Marinho em 2005, quando deixou de trabalhar nas revistas *Época* e no jornal *O Globo*, além de outros veículos de expressão nacional. Foi quando se mudou para a cidade de Richmond, no estado norte-americano da Virgínia, recebendo visto categoria EB-1 em 2010, concedido a “estrangeiros com habilidades extraordinárias, aprovadas pelo governo Americano” (PATSHIKI, 2012, p. 51).

Desde então, Olavo permanece nos Estados Unidos e, a partir do dia 1º de janeiro de 2019, passou a influenciar às decisões diárias do presidente da República e de seus filhos políticos, sem precisar sair de casa, a milhares de quilômetros do Brasil. Na ocasião, explicou aos leitores que sua demissão havia sido fruto de censura ideológica, provocada por sua insistência em denunciar o Foro de São Paulo, que seria - na sua visão - a mais relevante organização comunista surgida no mundo depois da desintegração do Bloco Soviético, no início dos anos 1990.

“Nos vinte anos de governo militar, nunca vi um só jornalista ser expulso de toda a ‘grande mídia’ brasileira por divulgar algum fato politicamente indesejado. Esse privilégio, que me lisonjeia ao ponto de me corromper a alma, ficou reservado para ser conferido à minha irrisória pessoa no período histórico imediatamente posterior, chamado, por motivos esotéricos, ‘redemocratização’. Por informar ao público a existência do Foro de São Paulo e os laços mais que íntimos entre partidos políticos e quadrilhas de narcotraficantes e sequestradores, fui chutado do Globo, da *Época*, da *Zero Hora*, do *Jornal do Brasil* e do *Jornal da Tarde*. O número dos que por esses e outros canais me chamaram de louco, de mentiroso, de desinformante, de teórico da conspiração e coisas similares conta-se como as estrelas do céu. Excluído do círculo das pessoas decentes, só encontrei um último abrigo neste bravo Diário do Comércio, onde me sinto cinicamente bem entre

outros meninos malvados como Moisés Rabinovici, Roberto Fendt e Neil Ferreira” (CARVALHO apud PASCHIKI, 2012, p.47).

Dos Estados Unidos, Carvalho seguiria denunciando obsessivamente o fórum fundado em 1990 por representantes de “48 organizações, partidos e frentes de esquerda da América Latina e do Caribe”, reunidas com o objetivo de debater propostas de ação e promover “intercâmbios especializados em torno dos problemas econômicos, políticos, sociais e culturais que a esquerda continental enfrenta”. É o que consta na ata do primeiro encontro, promovido pelo Partido dos Trabalhadores no dia 4 de julho na Capital Paulista (FORO DE SÃO PAULO).

Ainda que suas atividades permanecessem públicas – reunindo partidos brasileiros bastante diversos, como o PDT e o PPS - o Foro é apresentado por Olavo de Carvalho como o “mecanismo coordenador” que teria salvado “da extinção o movimento comunista latino-americano”, tendo sido ainda “diretamente responsável pela ascensão dos partidos de esquerda ao poder em várias nações do continente”.

“As ações do Foro prolongam-se muito além daquilo que consta das atas. Segundo confissão explícita do sr. presidente da República, os encontros da entidade são ocasião de conversações secretas que resultam em decisões estratégicas de grande alcance, como, por exemplo, a articulação internacional que consolidou o poder de Hugo Chávez na Venezuela” (CARVALHO, 2008).

Segundo Olavo, a chamada “onda rosa”, que levaria governos de esquerda ao poder em diversos países, teria pouca conexão, enquanto fenômeno político, com os problemas econômicos e sociais concretos enfrentados pelas nações latino-americanas no início dos anos 1990. Hugo Chávez (1998), Lula (2002), Néstor Kirchner (2003), Evo Morales (2005) e Rafael Correa (2006) teriam ascendido como resultado direto da ação voluntarista de grupos reduzidos de lideranças progressistas reunidas a portas fechadas nos intervalos dos debates públicos do Foro de São Paulo.

O evento foi criado no primeiro ano do Governo Collor, como reação às “políticas pró-imperialistas e neoliberais aplicadas pela maioria dos governos latino-americanos e seus trágicos resultados” (FORO DE SÃO PAULO, 1990). Foi um período marcado por intenso debate público em torno do receituário de austeridade e privatizações imposto pelo FMI e pelo Banco Mundial às nações latino-americanas. É no contexto histórico do “Consenso de Washington”, portanto, que devemos compreender as origens do Foro de

São Paulo, não por acaso fundado apenas dois anos depois da primeira edição do Fórum da Liberdade, promovida em 1988 na cidade de Porto Alegre pelo Instituto de Estudos Empresariais (IEE). A “associação civil sem fins lucrativos ou compromissos político-partidários” havia sido fundada na Capital Gaúcha em 1984 com objetivo, segundo o site oficial, de “incentivar e preparar novas lideranças, com base nos conceitos de economia de mercado e livre iniciativa” (INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS).

Em 2019, o Fórum da Liberdade chegou a sua 32ª edição promovendo “debates entre grandes palestrantes” e fomentando “alternativas objetivas e viáveis para equacionar os problemas do Brasil e da América Latina” (INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS). Olavo falou na manhã de terça-feira (9/4), só que através de videoconferência, de sua casa nos Estados Unidos. O que acabou o impedindo de conversar privadamente, no intervalo das palestras, com militantes e lideranças de direita, além dos tomadores de decisão dos principais grupos empresariais do Brasil que – ao lado de políticos e acadêmicos - compõem o público tradicional do evento.

A trigésima segunda edição do Fórum da Liberdade acontecia pouco mais de três meses depois da eleição do primeiro presidente abertamente de direita do país desde Collor². Mas a palestra de Olavo não seria marcada pelo tom de celebração. O intelectual forjado por décadas de polêmicas violentas no debate público nacional voltava agora suas armas não contra a oposição de esquerda, mas contra o setor responsável pela maioria dos ministérios do governo recém-eleito.

Primeiro Olavo elogia o documentário *1964*, por sua “visão crítica muito equilibrada”, para logo em seguida contradizer a tese revisionista promovida pelo filme lançado em 2019 pelo Brasil Paralelo. Segundo a teoria exposta pela produtora audiovisual gaúcha, o golpe militar teria sido um mal necessário para salvar o Brasil de ameaça concreta de instalação de uma ditadura comunista no país a partir do governo de Goulart.

“O presidente João Goulart, apavorado, se juntou com seu cunhado Leonel Brizola, no Rio de Janeiro, para organizar uma resistência armada, mas desistiu. Ele contou os revólveres, viu que não ia aguentar o tranco e foi embora pro Uruguai. E aí o presidente do Senado, Auro Moura Andrade decretou vaga a presidência da República, e o Senado, automaticamente, nomeou o vice, Ranieri Mazzilli. Estava aí acabado o Regime de João Goulart. Acabou naquele instante. Qual a resistência que os comunistas ofereceram? Nenhuma. Fugiram todos. O pessoal dizia até que o Leonel Brizola fugiu disfarçado de mulher. Não sei se foi de mulher, de soldado, mas ele fugiu.

² “Se vocês querem medir aproximadamente o poder dos comunistas no Brasil, revejam a história do Fernando Collor de Mello, o ídolo pré-fabricado da direita, que foi derrubado do governo por um motivo fútil e só sobreviveu politicamente tornando-se um office-boy do Lula”. @opropriolavo. Disponível em: <<https://twitter.com/opropriolavo/status/1175285821827682304>> . Acesso em: 23 Set. 2019

Ele e o Jango. Não houve resistência armada nenhuma. Vocês sabem quantas pessoas sofreram violência naquele dia? Um foi um líder comunista, Gregório Bezerra, que levou um cacete de uns malucos lá em Pernambuco. E o outro foi um estudante maluco que deu um tiro no próprio pé. Isso foi a totalidade da violência no 31 de março/1º de Abril. Ou seja, não havendo resistência militar alguma, para que era preciso a intervenção dos militares? Para absolutamente nada. O governo estava caído, o lado vencido não oferecia resistência militar alguma, o vice-presidente já estava empossado na presidência, o problema estava resolvido. Daí aparece o general Olímpio Mourão Filho, lá de Minas Gerais, e põe os tanques na estrada para “apaziguar” o país. Onde não havia violência alguma. E daí os militares avançam, tomam o poder, escolhem como presidente o General Humberto de Alencar Castelo Branco. Ele toma posse e a primeira coisa que ele diz. A primeira declaração do novo presidente militar: ‘a direita reacionária não dominará o país. Quem é a ‘direita reacionária’? Carlos Lacerda, Adhemar de Barros, Auro Moura Andrade, o Senado, toda a liderança civil. Ao longo do tempo os militares destruíram todas essas lideranças civis. Há até suspeita de quem mandaram matar o Carlos Lacerda. Está no livro do Carlos Heitor Cony a respeito” (CARVALHO, 2019).

Ainda que reconheça que os “militares jamais foram os monstros que a esquerda pintou”, Carvalho atribui a políticos como Carlos Lacerda, Adhemar de Barros, Auro Moura Andrade a criação de “um movimento popular que colocou nas ruas o maior protesto de massas que tinha havido até então, que foi a famosa Marcha da Família, com 1 milhão de pessoas na rua” (2019).

Os méritos da derrubada de Goulart caberiam às lideranças civis de direita, que - exatamente por isso - deveriam assumir o poder depois do golpe. A tese de “ameaça comunista” - que mobilizara o campo de direita até aquele ponto do processo político – revelara-se infundada diante na reação nula da esquerda. O que não impediu que os militares tomassem o poder e continuassem usando a ideia da “ameaças vermelha” como justificativa para se perpetuarem no governo, voltando a retórica anticomunista contra as próprias lideranças anticomunistas civis. A maior delas, Carlos Lacerda, esperava ser eleito nas eleições presidenciais previstas para 1965, mas acabaria, ironicamente, juntando-se aos antigos inimigos João Goulart e Juscelino Kubitschek na Frente Ampla formada contra a ditadura em 1966.

Olavo vai além em sua argumentação, dizendo que o regime militar não se contentou em destruir completamente a liderança direita civil, tratando também de acabar com toda a atividade política e reduzindo “o Congresso a carimbador de decretos” (2019). Ainda que tenham prestado o bom serviço de eliminar a resistência armada, os militares teriam ajudado deliberadamente a esquerda pacífica a conquistar progressivamente a hegemonia cultural no país. Isso teria sido o resultado de um grave erro estratégico do principal intelectual do regime, Golbery do Couto e Silva. Em parte, por desprezar a importância da cultura e dos intelectuais na disputa política; em outra, por ignorar o potencial impacto

que a recepção do pensamento do pensador marxista italiano Antonio Gramsci havia tido no Brasil nos anos 1970 e 1980; e também por pura ingenuidade do general. É o que afirma Olavo à plateia do Fórum da Liberdade:

“Ao mesmo tempo havia a teoria da panela de pressão que por não querer cercar os comunistas de todo lado deixou aberta para eles uma válvula. Qual era essa válvula? As universidades e a mídia. Entregaram as universidades e a mídia para os comunistas, e eles fizeram a festa (...) Resultado: quando terminou o regime militar, todas as forças políticas de direita – liberais e conservadoras – estavam destruídas, enfraquecidas e a única força política que sobrava, que tinha força, para se impor era o quê? A esquerda! E a esquerda tomou o poder já com Fernando Henrique e assim por diante [...] Então não venham esses militares, esses generais de cabelo pintado, se gabar pra mim que eles libertaram o país do comunismo. Ao contrário, vocês militares entregaram o país à esquerda e a esquerda então dominou o país por 35 anos, humilhando vocês diariamente!” (2019).

Não faz parte do escopo deste trabalho confrontar com a documentação histórica a interpretação dos acontecimentos de 1964 defendida por Carvalho, que inclui acusação de assassinato. O que interessa aqui é o caráter dialógico da declaração, por explicitar tensões e ressentimentos históricos entre as variadas forças políticas de direita que se uniram para derrubar a presidenta Dilma Rousseff em 2016, e permaneceram juntas em torno da candidatura de Jair Bolsonaro como forma de impedir a quinta vitória consecutiva do Partido dos Trabalhadores nas eleições presidenciais.

As falas de Olavo no Fórum da Liberdade e na TV Globo são emblemáticas não somente pela especificidade do momento histórico, trazendo ainda outros elementos úteis à compreensão do processo histórico de fortalecimento do campo da direita no Brasil que encontrou no próprio jornalista radicado nos Estados Unidos uma figura central, enquanto articulador e difusor de ideias, sobretudo no mundo digital.

Após duas décadas, Olavo de Carvalho voltava à principal emissora de TV do Brasil, agora na posição de mentor intelectual do Presidente da República, influente o bastante para nomear, do conforto do seu computador em Richmond, seguidores obscuros para dois dos mais importantes Ministérios. Cinco meses antes de assumir a pasta da Educação no lugar de outro indicado de Olavo – Ricardo Vélez Rodríguez -, o economista Abraham Weintraub havia apresentado suas credenciais ideológicas na Cúpula Conservadora das Américas, realizada no final de 2018 em Foz do Iguaçu, como resposta ao Foro de São Paulo. Na ocasião, explicou à plateia como aplicar a teoria do escritor para combater o “marxismo cultural” nas universidades (WEINTRAUB, 2018).

Outra indicação de Olavo foi Ernesto Araújo, um diplomata até então discreto que assumiu o Ministério das Relações Exteriores afirmando que o “filósofo brasileiro talvez tenha sido a primeira pessoa no mundo a ver o globalismo como o resultado da globalização econômica, a entender seus propósitos horríveis e a começar a pensar como derrubá-lo”. Mais do que isso, por muitos anos Olavo teria sido “a única pessoa no Brasil a usar a palavra ‘comunismo’ para descrever a estratégia do PT e tudo que estava acontecendo no país”. Araújo ainda completou: “foi a Divina Providência que guiou o Brasil nesses passos, reunindo as ideias de Olavo de Carvalho com a determinação e o patriotismo de Bolsonaro? Eu acho que sim” (2019).

O artigo publicado em janeiro na revista conservadora norte-americana *The New Criterion* foi escrito para não deixar dúvidas sobre a influência de Olavo sobre o Ministério das Relações Exteriores da oitava economia do mundo. O que por si só já justificaria a relevância de Olavo de Carvalho enquanto objeto de estudo acadêmico, como se não bastasse sua influência direta sobre o Presidente da República e seu círculo familiar.

O artigo de Araújo também deixa explícito outro elemento-chave no esforço de compreensão da trajetória e da forma de pensar de Carvalho: o anticomunismo. Pois apesar de ter publicado e ministrado cursos, *on* e *offline*, sobre áreas de conhecimento variadas - da literatura à astrologia, passando por filosofia, teologia e ciências naturais, entre outras -, foi sua atuação política que o levou à posição de destaque atual. Tanto que, em seu reencontro com Pedro Bial, Olavo fez questão de não deixar qualquer tipo de dúvida sobre sua filiação militante.

“Pega as universidades brasileiras nos últimos 30 ou 40 anos e pergunta quantas teses anticomunistas foram aprovadas. Resposta é nenhuma. O anticomunismo está proibido nas nossas universidades. Está proibido nas nossas mídias. Não é a pregação comunista. É a supressão do anticomunismo. Esse que é o problema” (CARVALHO, 2019).

A missão da sua vida política teria sido furar a pretensa “hegemonia esquerdista” conquistada na vida cultural brasileira por uma esquerda que havia abandonado de vez a estratégia da luta armada, passando a agir – sob inspiração de Gramsci - com objetivo de ocupar aparelhos privados de hegemonia, sobretudo a academia e a grande mídia.

Por se tratar de uma luta de longa duração, promovida na esfera cultural, não poderia bastar a Olavo o esforço de aproveitar todos os espaços, brechas e canais de comunicação disponíveis para combater e denunciar a assombração comunista. Seria necessário ainda

formar e qualificar novas gerações para dar continuidade à tradição de luta em defesa da família tradicional, da propriedade privada, da nação integral e da moralidade cristã diante de uma ameaça vermelha tomada como onipresente.

É nesse sentido que Olavo explica sua atuação como empreendedor do mercado de Educação à Distância – EaD. Pelas suas contas, cerca de 20 mil alunos teriam passado pelo Seminário Online de Filosofia, caracterizado como esforço de reforma moral da cultura brasileira, degradada ao longo dos anos pela esquerda.

Apesar da amplitude temática de uma obra multimídia, optamos nesse artigo por reter foco na dimensão política da trajetória de Olavo de Carvalho, analisando sua atuação dentro do contexto histórico da tradição anticomunista brasileira. Aqui tomamos o personagem como um relevante militante anticomunista, mas optamos por não propor discussões teóricas sobre os conceitos de “anticomunismo” e “militância”, adotando as concepções do próprio Olavo.

Não se trata, todavia, de uma escolha arbitrária do ponto de vista metodológico, emergindo como opção natural diante do traço essencialmente especular que caracteriza a mobilização anticomunista. Uma militância movida não pelo desejo de concretizar algum modelo social utópico, mas pelo “dever histórico” de reagir e combater o inimigo vermelho. Mesmo quando esses inimigos são de carne e osso, sua apreensão pelo militante anticomunista se dá necessariamente através da mediação de projeções mentais que não deixam de ser reveladoras sobre a psicologia da própria pessoa em questão. Daí a adoção do conceito de militância descrito pelo próprio Olavo.

“Militância é que mobiliza a massa e a dirige. Militância são pessoas treinadas para dirigir o movimento de massa. Dentro da militância é que se discute, dentro da militância é que se diverge. E quando se chega à conclusão, daí todo mundo obedece. Primeiro é o lugar onde tem a discussão. Isso é assim desde o tempo de Lenin. Vocês não sabem ainda esse pessoal não estudou nada, nada, nada. Não sabe nada de movimento comunista, de Lenin. Você dá um livro de Lênin pra esse pessoal ler, e eles não entendem” (2019).

Motivada por um objetivo negativo – a eliminação de determinado adversário social – a prática militante anticomunista se mantém dependente das categorias, conceitos e modelos de ação do adversário. Olavo não apenas assume um conceito de militância extraído de sua leitura partícua de Vladimir Lenin, como lembra seus seguidores: um militante anticomunista “treinado” é aquele que conhece em profundidade as obras

fundamentais que moldaram a mentalidade de seus adversários. É por aí que deve passar a formação de novos quadros.

A partir dessa perspectiva, a influência assumida por Olavo no governo de outro militante anticomunista radical histórico – Jair Bolsonaro – pode ser interpretada como a coroação de uma longa trajetória fidelidade à causa. Ao longo dos anos, o jornalista pregou quase que diariamente contra o inimigo vermelho através de livros, palestras, cursos, artigos de jornal, redes sociais, podcasts e outros formatos que se multiplicavam com a expansão das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação. A internet se expandia no Brasil justamente nos anos 1990, período em que ao comunismo era dado como sepultado.

Em 1994, Fernando Henrique Cardoso se elege presidente no embalo da popularidade do Plano Real, - que eliminara a hiperinflação no governo Itamar -, e passa a implementar um programa de privatizações e desregulação econômica. O que acabaria, curiosamente, esvaziando a atuação dos *think tanks* surgidos nos anos 1980 para difundir os valores do livre mercado (CASIMIRO, 2016). Muitos militantes liberais sentiram que suas demandas estavam sendo contempladas por um governo que também trazia maior estabilidade no plano político, após o traumático Impeachment de Fernando Collor.

Foi também no início dos anos 1990 que o Bloco Soviético desmoronou, levando Francis Fukuyama a decretar o “Fim da História” (1992). A sociedade de mercado e a democracia burguesa teriam triunfado, enterrado o comunismo de uma vez por todas. No entanto, a tese triunfalista liberal seria refutada por Olavo, que ainda se lançaria ao esforço de renovar o repertório anticomunista nacional, fornecendo aos militantes novos instrumentos práticos e teóricos.

Numa época em que a maior parte da direita, sobretudo a liberal, evitava se identificar como tal para não se associar à desgastada experiência da ditadura militar, Olavo seguia na direção oposta, passando a declarar seu anticomunismo de forma cada vez mais aberta, além de transitar com desenvoltura pelos círculos militares, chegando, inclusive, a editar a coleção *O Exército na História do Brasil* (1998).

Ao se manter próximo das Forças Armadas num período de desgaste aos olhos da população, Olavo seguiu participando de debates sobre a renovação estratégica das esquerdas, que passariam a ter no pensamento de Antonio Gramsci seu principal referencial.

Durante a 17ª Conferência dos Exércitos Americanos, que reuniu militares de 15 países na cidade argentina de Mar del Plata em 1987, a delegação brasileira apresentou o documento *Síntese da Situação da Subversão no Brasil*. Além de classificar 30% dos constituintes como subversivos, o texto apontava Antonio Gramsci como o ideólogo da nova estratégia esquerdista mundial e previa “ações nos demais campos do poder”, além do estritamente militar, para “a segurança e defesa do continente americano contra o Movimento Comunista Internacional” (Apud SECCO, 2019). Era a forma de combater um pensador cujo

“método não consistia na conquista ‘revolucionária do poder’, mas em subverter culturalmente a sociedade como passo imediato para alcançar o poder político de forma progressiva, pacífica e perene [...]. Para este ideólogo, a ideia principal se baseia na utilização do jogo democrático para a instalação do socialismo no poder. Uma vez alcançado esse primeiro objetivo, se busca impor finalmente o comunismo revolucionário. Sua obra está dirigida especialmente aos intelectuais, profissionais e aos que manejam os meios maciços de comunicação social” (Apud SECCO, 2019).

Olavo não apenas aceita a ideia de que o comunismo teria assumido a face de Gramsci, como dá um salto ao afirmar no livro *A Nova era e a Revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci* (1994) que a estratégia já teria se tornado vitoriosa no Brasil. E a esquerda teria se tornado hegemônica na cultura nacional por responsabilidade dos próprios militares, que guiados pela teoria da “panela de pressão” de Golbery teriam estimulado a ocupação comunista na mídia e no meio acadêmico.

A formulação não apenas renovava o repertório interpretativo da direita nacional, como ainda retomava a ideia da ação anticomunista como uma “resistência heroica”, presente na retórica de seus militantes desde os tempos do Almirante Pena Boto Jr., de Plínio Corrêa de Oliveira e do líder integralista Plínio Salgado.

Essa ideia de isolamento, todavia, parecia distante dos fatos diante do sucesso crescente de seu formulador na grande mídia e no mercado editorial, conseguindo Olavo entrada também no meio acadêmico, quando passou a trabalhar na Universidade Católica do Paraná e na Universidade da Cidade, no Rio de Janeiro. A situação mudaria radicalmente, contudo, em 2005, quando Olavo foi demitido de vários veículos e se mudou para os Estados Unidos, onde continuou a intervir no debate público nacional mesmo de longe, através das redes sociais e do *Diário do Comercio*, jornal mantido pela Associação Comercial de São Paulo.

É à luz dos elementos acima apresentados que interpretamos tanto o discurso de Olavo no Fórum da Liberdade de 2019, quanto sua entrevista com Pedro Bial, como forma de marcar posição dentro da história do anticomunismo brasileiro, vinculando-se a tradição diferente da tradição militar. Afinal, os homens de farda teriam traído a causa três vezes: 1º ao usurpar o poder das lideranças civis responsáveis pela mobilização pelo golpe contra Jango; 2º por destruir essas mesmas lideranças civis de direita nos anos seguintes; e 3º estimulando ativamente a construção da “hegemonia gramsciana” no mundo cultural brasileiro.

Mais uma vez é preciso aqui ressaltar que não é objetivo desse trabalho atestar a veracidade histórica da interpretação apresentada pelo personagem. A argumentação nos interessa em seu caráter político, enquanto tomada de posição dentro da tradição anticomunista brasileira. Não faltam indícios nas intervenções do próprio intelectual aqui analisado de que a compreensão de sua trajetória e obra só será possível a partir de um esforço de contextualização histórica mais dilatado, que traga à tona elementos de longa duração. É um caminho necessário para que a Ciências Sociais avancem com mais velocidade na compreensão da real complexidade que caracteriza as relações entre as diferentes forças e grupos que se reuniram primeiro em 2016, para derrubar a Presidenta Dilma Rousseff, e depois em 2018, na eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República.

O ANTICOMUNISMO NO BRASIL

Parte dessa dificuldade de compreensão se explica pelo fato do anticomunismo ainda ser um tema pouco estudado na academia apesar de ter servido de justificativa para a implantação e manutenção dos mais longos períodos ditatoriais do Brasil no Século XX, como lembra Rodrigo Sá Motta (2000).

Em 1937, um plano de golpe comunista falso – o “Plano Cohen” - foi divulgado na mídia para servir de pretexto para a implantação do Estado Novo de Vargas. E a democracia só seria reestabelecida no Brasil em 1946, após o país participar da vitória contra o nazifascismo ao lado das tropas aliadas lideradas por União Soviética, Estados Unidos e Reino Unido.

28 anos depois, em março de 1964, milhares de pessoas de classe média saíam às ruas de diversas cidades do Brasil, muitas delas segurando cartazes com frases como: “Verde

e amarelo, sem foice e sem martelo”; “Democracia tudo, comunismo nada”; “Abaixo os entreguistas vermelhos”; “Abaixo os pelegos e os comunistas”; “O Brasil não será uma nova Cuba”; “Reformas pelo povo, não pelo Cremlin” (MOTTA, 2000, p.328). A Marcha da Família com Deus pela Liberdade pedia a derrubada do presidente João Goulart, sendo convocada pela imprensa com manchetes abertamente anticomunistas.

O Estado de São Paulo, por exemplo, voltou a noticiar um acontecimento nacional em sua primeira página após muitos anos:

“Meio milhão de paulistanos e de paulistas manifestaram ontem em São Paulo, no nome de Deus e em prol da Liberdade, seu repúdio ao comunismo e à ditadura e seu apego à Lei e à Democracia. Neste momento particular da vida do mundo, o histórico ato dos paulistas adquire importância internacional” (Apud MOTTA, 2000, p.327).

A grande imprensa carioca não ficou atrás e declarou sobre o significado da manifestação paulistana:

“Uma multidão calculada em 500 mil pessoas participou ontem, em São Paulo, da Marcha da Família com Deus pela Liberdade em defesa da Constituição e das instituições democráticas brasileiras e de repúdio ao comunismo, constituindo-se na maior manifestação popular já realizada na Capital paulista” (Apud MOTTA, 2000, p.237).

Sendo que o traço anticomunista estava explícito já na convocação da manifestação, que acusava os “vermelhos” de atentarem contra os valores mais caros à tradição brasileira. É o que dizia panfletos como este:

“Povo do Brasil,

A Pátria, imensa e maravilhosa, que Deus nos deu, está em extremo perigo. (...)

Deixaram infiltrar-se no corpo da Nação, na administração, nas Forças Armadas e até nas nossas igrejas os servidores do poder totalitário, estrangeiro e devorador.

Não defendemos a nossa casa enquanto era tempo, quando era fácil, e, agora, as forças do mal, da mentira e da demagogia ameaçam a própria vida da família brasileira.

Mas hoje, na praça pública, no dia da família, essa multidão imensa veio, espontaneamente, responder ao chamado das mulheres brasileiras (...).

Reformas, sim, nós as faremos, a começar pela reforma da nossa atitude. De hoje em diante os comunistas e seus aliados encontrarão o povo de pé. (...)

Fiéis às nossas religiões, fiéis à nossa Constituição, fiéis à nossa pátria - construiremos o Brasil autêntico, livre, forte e feliz.

Com Deus, pela Liberdade, marchemos para a salvação da Pátria!” (Apud MOTTA, 2000, p.237).

O próprio nome escolhido pelos organizadores não deixa dúvida sobre a influência do elemento religioso no evento, mas a opção por “com Deus” ao invés de “com Cristo” também pode ser interpretada como indicador do avanço da pluralidade religiosa no país. Os organizadores católicos convocaram pastores e rabinos para participar da preparação das Marchas no Rio e em São Paulo, que teriam - entre seus objetivos - impedir “o assalto final às igrejas de todos os credos”. Era preciso ir às ruas, “antes que os inimigos” chegassem “aos nossos templos e igrejas” (Apud MOTTA, 2000, p.304). Sendo que a hegemonia católica ganhava expressão material no símbolo das manifestações: os rosários de Nossa Senhora de Fátima, adotada como padroeira dos católicos que lutavam contra o comunismo.

No que diz respeito às origens do anticomunismo, é preciso ressaltar que movimentos de caráter “antissocialista” e “anticomunista” surgiram ainda na segunda metade do século XIX, mas se tornaram mais fortes a partir da Revolução Bolchevique de 1917. Pois o exemplo dos acontecimentos russos, que contrariavam as próprias previsões de Marx (GRAMSCI, 2007), passaria a assombrar as nações latino-americanas como uma possibilidade concreta, apesar da distância entre Rio e Moscou. Esta seria encurtada – ao menos no imaginário social nacional – em 1935, quando jovens oficiais vinculados ao Partido Comunista Brasileiro se rebelaram em guarnições militares, primeiro no Rio Grande do Norte, depois em Recife e, ao final, no Rio de Janeiro, onde foram rapidamente derrotados.

A participação de agentes de Moscou no episódio foi reduzida, todavia, devendo a responsabilidade da iniciativa – e conseqüentemente seu fracasso – ser atribuída, sobretudo, às expectativas fantasiosas dos comunistas brasileiros sobre as possibilidades de adesão popular a uma sublevação daquele tipo. Além do caráter extemporâneo, uma vez que a estratégia de assalto ao poder bem-sucedida em 1917 havia sido abandonada pela Internacional Comunista, o episódio apresenta muitos pontos em comum com outras sublevações militares do período imediato, como a rebelião dos 18 do Forte de Copacabana (1922), e deve ser interpretado em diálogo com o fenômeno do Tenentismo. Alcinhada pejorativamente pelo governo como “intentona” – plano insensato -, o episódio daria origem a um duradouro aparato propagandístico, incluindo monumentos e paradas cívicas. O Exército passava a difundir a tese – refutada pela historiografia – de que oficiais teriam sido friamente assassinados pelos revoltosos comunistas enquanto dormiam (MOTTA, 2000).

O episódio, segundo a versão das Forças Armadas, comprovaria a covardia sem limites dos comunistas. Deste repertório anticomunista militar, o elemento mais duradouro seria a acusação de traição à pátria, já que os comunistas agiriam a mando de potências estrangeiras, especialmente a União Soviética. A imagem do “ouro do Moscou” e a necessidade de defender o Brasil do “imperialismo soviético” marcaram o imaginário anticomunista na cultura militar nacional desde então.

Segundo a classificação proposta por Motta (2019), os argumentos e representações anticomunistas extrairiam, tradicionalmente, inspiração no Brasil de três matrizes distintas. Vinculando-se os militares à tradição nacionalista, que se diferencia de outras ideias de defesa patriótica - como a tradição desenvolvimentista e antimperialista de esquerda - pela defesa conservadora “da ordem, da tradição, da integração e da centralização, contra as forças centrífugas da revolução” a partir da compreensão da “nação como conjunto orgânico, unidade superior a qualquer conflito social” (MOTTA, 2019, p.6). O comunismo, entendido com atualização leninista das teorias de Karl Marx, seria interpretado como uma “planta exótica”, incapaz de germinar em solo brasileiro. É nessa tradição, fomentada ao longo de décadas nos cursos de formação das Forças Armadas, que deve ser compreendida a trajetória de militância anticomunista do presidente Jair Bolsonaro, por exemplo.

Ainda que siga apoiando o ex-capitão e influenciado diretamente os Ministérios da Educação e das Relações Exteriores, Olavo de Carvalho não esperou muito tempo, depois da eleição, para expor publicamente seu ressentimento com a experiência da ditadura militar, reivindicando vinculação à mesma tradição anticomunista civil que levava frações significativas das classes médias urbanas às ruas durante a Marcha da Família com Deus pela Liberdade.

Ao mobilizar o imaginário de 1964, Olavo reforça similitudes com as manifestações pelo Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff ocorridas entre 2015 e 2016, quando muitos dos mesmos atores sociais voltaram às ruas, mobilizando ideias como Deus, patriotismo, liberdade econômica e luta anticorrupção. Mais uma vez as divergências entre os variados setores da direita nacional foram deixadas de lado em prol da luta comum contra a ameaça comunista, que fora personificada por Jango em 1964 e passaria a ter caráter coletivo em 1994, quando Olavo de Carvalho começou a difundir a ideia de que o PT tinha se tornado a encarnação contemporânea do conceito de “moderno príncipe” de Gramsci. A ameaça comunista assumia agora a imagem de um partido político, denunciado diariamente - em

variados meios de comunicação – como encarnação do Mal, sobretudo após as revelações trazidas pelo episódio Mensalão em 2005 e da Operação Lava Jato, iniciada em 2014.

A ideia de que a esquerda é criminosa por natureza encontraria eco nas redes sociais, principalmente em páginas do Facebook (SANTOS JÚNIOR, 2014), e ganharia ainda mais força com a volta à cena política nacional da pauta anticorrupção, que após ter sido central nas manifestações pela derrubada de Jango em 1964, acabaria suprimida durante a ditadura militar. “Os inúmeros casos, alguns bem expostos no trabalho de Pedro Campos, mesmo quando descobertos, acabavam relegados ao silêncio, seja pela violenta censura ou pelo bom trânsito dos empreiteiros em meio à grande imprensa” (CHALOUB, 2019).

O termo só retornaria ao debate público com a redemocratização do país, nos anos 1980. Só que agora a velha bandeira, historicamente associada à direita lacerdista, seria desfraldada pelo Partido dos Trabalhadores, levando o veterano trabalhista Leonel Brizola a apelidar a organização originada no novo sindicalismo do ABC Paulista como “UDN de macacão” (CHALOUB, 2019).

A pregação contra a corrupção foi central no discurso petista até a vitória de Lula nas eleições de 2002, mas acabaria se voltando contra o partido no exercício do poder. Essa distância entre discurso e prática seria questionada por parcela crescente da população, bombardeada diariamente pela cobertura massiva empreendida pela grande mídia durante o episódio do Mensalão e sobretudo a partir das revelações da Operação Lava Jato, iniciada em 2014, ano marcado por eleições presidenciais altamente polarizadas.

O desenrolar dos acontecimentos – inseridos num contexto cuja complexidade foge ao escopo de análise desse trabalho – levaria ao Impeachment de Dilma e à eleição de Jair Bolsonaro dois anos depois. Ambos acontecimentos encontrando na ideia da luta contra a corrupção parte substancial de sua força motora. É nesse sentido que devemos compreender a nomeação de Sergio Moro - popular juiz que colocara o ex-presidente Lula na cadeia – para o cargo de Ministro da Justiça: como uma forma do novo governo reforçar, aos olhos da população, seu compromisso com a pauta anticorrupção mobilizada nas eleições.

Como lembra Chaloub (2019), o tema é complexo, escondendo variações importantes por trás da aparente continuidade do discurso. Como a própria experiência do PT mostra, o conceito de corrupção pode ser mobilizado por diferentes tradições ideológicas, devendo

variari a sua compreensão, portanto, de acordo com a noção de ordem de quem o mobiliza. Além disso, narrativas anticorrupção também variam significativamente em intensidade, de modo que a frequência e a agressividade da retórica servem como chave relevante para compreender os movimentos de contestação da ordem política no Brasil.

Quando o senador Flavio Bolsonaro se posicionou contra a instalação da CPI da Lava Toga, por exemplo, seu pai, o Presidente da República, passou a ser cobrado por parte de sua base eleitoral sobre seu compromisso com a bandeira do combate à corrupção levantada durante a campanha.

Foi quando Olavo de Carvalho saiu em defesa de Bolsonaro nas redes sociais, cobrando compromisso militante dos seus eleitores. Foi nesse contexto que apresentou a definição de “militância” aqui adotada – extraída de uma leitura particular de Lenin. E, em seguida, passou a disparar:



Olavo de Carvalho

@opropriolavo

Seguir

A "luta contra a corrupção", assim em abstrato, foi a operação diversionista CRIADA PELO PT, E EM ESPECIAL PELO ZÉ DIRCEU, no início dos anos 90, para desviar as atenções populares do Foro de São Paulo e do...
[facebook.com/olavo.decarval ...](https://www.facebook.com/olavo.decarval)

08:54 - 19 de set de 2019

Fonte: Twitter³

Aqui Olavo reforça, mais uma vez, seu compromisso de militância, não deixando dúvidas sobre a hierarquia das pautas que devem mobilizar a ação do campo da direita no Brasil. Mais importante do que a luta contra a corrupção, a defesa do livre mercado ou a pauta

³ Disponível em: <https://twitter.com/opropriolavo/status/1174713432005926912>. Acesso em: 23 Set. 2019.

da segurança pública é o combate ao comunismo, centralizado no PT e no Foro de São Paulo.

Trata-se de mais um ponto importante para localizar a posição de Olavo de Carvalho dentro da tradição anticomunista. No Fórum da Liberdade, formado basicamente por militantes direitistas civis, Olavo se colocou em oposição aos militares e se vinculou à tradição anticomunista civil de Carlos Lacerda. Só que ao chamar a luta contra corrupção de “operação diversionista criada pelo PT e pelo Zé Dirceu”, o intelectual acaba se distanciando de uma das principais marcas do ex-governador da Guanabara, que “renovou a longa tradição brasileira dos panfletos políticos e consolidou uma narrativa política sobre a corrupção no Brasil”, construindo seu discurso “em torno de dois eixos: a ilegitimidade das lideranças e os excessos do Estado” (CHALOUB, 2019, p.10).

Tanto Lacerda quanto Olavo foram jornalistas hábeis, que souberam fazer uso das inovações nas tecnologias de comunicação de seu tempo. Lacerda nos jornais e na TV recém-chegada ao país, enquanto parte do sucesso de Olavo deve ser explicada por sua ação empreendedora na internet, que se difundiu no Brasil nos anos 1990 e 2000. Talvez venha daí parte da identificação colocada por Olavo no Fórum. Todavia, é importante lembrar que Lacerda fez bem-sucedida carreira institucional, enquanto Olavo optou por não se envolver diretamente com partidos, influenciando o mundo da política de uma distância segura.

Essa atitude diante da corrupção também distancia Olavo de Lacerda no que diz respeito à intensidade do seu anticomunismo. Em suas memórias, o ex-governador da Guanabara fez críticas ao oportunismo da “indústria do comunismo” (MOTTA, 2000, p.214). Já Olavo acusa os militares de terem combatido pouco a esquerda pacífica durante a ditadura.

Aqui Olavo se distingue de maneira mais clara da tradição liberal do anticomunismo brasileiro. Não apenas no que diz respeito ao tom do discurso contra a esquerda, lembrando que sua agressividade criou dificuldades para encontrar patrocínio nos circuitos pró-mercado (ROCHA, 2018, p.102). É preciso ressaltar também a natureza negativa de sua adesão ao livre mercado e ao individualismo, defendidos enquanto mal necessário para impedir a instalação do socialismo.

“O conservadorismo é a arte de expandir e fortalecer a aplicação dos princípios morais e humanitários tradicionais por meio dos recursos formidáveis criados pela economia de mercado. O liberalismo é a firme decisão de submeter tudo aos critérios do mercado, inclusive os valores morais e humanitários.

O conservadorismo é a civilização judaico-cristã elevada à potência da grande economia capitalista consolidada em Estado de direito. O liberalismo é um momento do processo revolucionário que, por meio do capitalismo, acaba dissolvendo no mercado a herança da civilização judaico-cristã e o Estado de direito” (CARVALHO Apud SANTOS JUNIOR, 2014, p. 118).

Dentro das três matrizes da tradição anticomunista brasileira identificadas por Motta - cristianismo, nacionalismo e liberalismo – Olavo de Carvalho se vincula à primeira, “particularmente visceral, pois percebe na doutrina revolucionária um questionamento básico dos fundamentos das instituições religiosas” (MOTTA, 2019, p.5).

Motta lembra ainda que tal percepção se ancora na realidade histórica, uma vez que as derivações do pensamento de Marx – incluindo as formulações de Lenin - conceberam a luta pelo comunismo não apenas como um programa de revolução social e econômica, mas também como “uma filosofia e um sistema de crenças que concorria com a religião ao fornecer uma explicação para o mundo e uma escala de valores, ou seja, uma moral” (MOTTA, 2019, p.5).

Do ponto de vista filosófico, o comunismo histórico se opunha a postulados essenciais do catolicismo e ameaçava a própria existência da Igreja, pois:

- a) negava a existência de Deus e professava o materialismo ateu;
- b) propunha a luta de classes violenta em oposição ao amor e à caridade cristã;
- c) pretendia substituir a moral cristã e destruir a instituição familiar;
- d) defendia a igualdade contrariamente às noções de hierarquia e ordem, embasadas em Deus (BECKER apud MOTTA, 2000, p. 38).

Foi a partir dessa leitura que o Papa Pio XI definiu o comunismo como intrinsecamente mau, uma doutrina com a qual os católicos não poderiam conviver. E é daí que vem a radicalidade do anticomunismo olavista, muito mais próximo de organizações como a TFP – Tradição Família e Propriedade do que do anticomunismo de retórica nacionalista das Forças Armadas e ou da tradição Liberal, hoje articulada politicamente através das redes de *think tanks* pró-mercado.

Para Olavo, ideias como defesa da nação, da liberdade econômica ou o combate à corrupção são secundárias diante do objetivo central: eliminar o comunismo – entendido como todos os setores progressistas – de uma vez por todas do planeta Terra. Seria a única forma, na sua leitura, de salvar sua concepção de civilização judaico-cristã centrada no modelo tradicional de família patriarcal. E é através dessa chave que devemos

compreender a ênfase dada às pautas morais a partir da publicação de *A nova era e a revolução cultural* (1994), sobretudo em oposição a luta das mulheres e da população LGBTQ+.

Quando a tese das guerras culturais chegou ao Brasil encontrou aqui uma tradição cristã – predominantemente católica em 1964, mas cada vez mais evangélica - que desde a primeira metade do Século XX acusava os comunistas de serem sedutores e pervertidos voltados para a destruição da moralidade convencional.

Em sua vinculação com o anticomunismo cristão, Olavo também se diferencia da matriz liberal e nacionalista no que diz respeito às origens filosóficas. Suas ressalvas em relação aos companheiros de luta contra o inimigo vermelho se concentram também nos vínculos dessas tradições à Modernidade e, em especial, ao pensamento positivista de Auguste Comte, gravado no DNA intelectual das Forças Armadas Brasileiras.

Essa diferença também foi deixada clara na entrevista com Bial:

“Qual a tradição das nossas forças armadas? Elas foram formadas desde o Século XIX na mentalidade positivista. O Positivismo é a filosofia da Auguste Comte, que teve no Brasil mais influência do que em qualquer outro país do mundo [...] A ideia positivista é a extinção da atividade política e a sua substituição por uma administração científica, ditatorial. Por uma ditadura de técnicos e militares. Esta é a doutrina positivista central. Eliminar a liberdade de discussão política e trocar tudo por concepções técnicas e científicas, impostas desde cima por um governo de iluminados. Isto é a tradição central das nossas forças armadas” (CARVALHO, 2019).

A essa altura não chega a surpreender que o problema maior para Olavo não esteja nos traços autoritários do cientificismo, mas no fato, segundo sua visão de mundo, de que a difusão do positivismo prepararia o caminho para a instalação da ditadura comunista.

Não é de hoje que a crítica ao cientificismo e o questionamento à autoridade científica marcam presença em suas reflexões, sendo temas recorrentes nas aulas do Seminário Online de Filosofia. Trata-se de um debate pertinente, é verdade, que deveria fazer parte de discussões sobre metodologia e história do conhecimento, mas que no caso aqui analisado acabaria levando um militante anticomunista radical a assumir posição de neutralidade num debate saído da Idade Média direto pra internet:



Olavo de Carvalho

@opropriolavo

Seguir



Não estudei o assunto da terra plana. Só assisti a uns vídeos de experimentos que mostram a planicidade das superfícies aquáticas, e não consegui encontrar, até agora, nada que os refute.

13:51 - 29 de mai de 2019

Fonte: Twitter ⁴



Olavo de Carvalho

@opropriolavo

Seguir



Para mim essa questão de terra plana é como qualquer outra: ninguém tem certeza de porra nenhuma. As pessoas sensatas se divertem com a investigação, os neuróticos se ofendem com a pergunta.

09:43 - 17 de set de 2019

Fonte: Twitter ⁵

⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/opropriolavo/status/1133838337570217984>>. Acesso em: 24 Set. 2019

⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/opropriolavo/status/1174000953336483840>>. Acesso em: 23 Set. 2019

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista do objetivo deste trabalho - que foi analisar a trajetória e o pensamento político de Olavo de Carvalho dentro da tradição anticomunista brasileira - os tuítes acima devem ser interpretados, para além do aspecto anedótico, enquanto mais um indício da vinculação do personagem à matriz cristã-católica anticomunista, que ainda encontra na TFP, fundada em 1960, um de seus principais pilares no Brasil.

O idealizador da organização, Plínio Côrrea de Oliveira, enxergava na passagem do mundo medieval para a modernidade, no Século XV, a origem de um processo “uno”, “universal”, “total” e “dominante” de crise crescente do “homem ocidental cristão”, com impacto desagregador sobre diversas esferas do mundo social, passando pelo Estado, pela família, pela economia e pela cultura (OLIVEIRA, 1998).

Nessa leitura “processiva” da história do Ocidente, a crise na alma do homem, cada vez mais tomado pelo “orgulho” e pela “sensualidade”, marcharia no ritmo dos saltos históricos violentos contra a autoridade divina. Sendo o comunismo interpretado como a última das três grandes Revoluções da história do Ocidente. A primeira seria a Reforma Protestante – chamada de “Pseudo-Reforma” – e a segunda, a Revolução Francesa (OLIVEIRA, 1998, p. 49).

Em resposta a este processo, Plínio Côrrea propõe um movimento de militância contrarrevolucionária radical voltado para a eliminação do comunismo e a restauração de valores e hábitos medievais, que adaptados à realidade contemporânea possibilitariam instauração de “uma Idade Média aperfeiçoada” (FORESTI, 2013, p.84) após o hiato nefasto da modernidade. Daí a estética medieval que caracteriza a TFP, também apreciada por Olavo.

Antes de finalizar, é necessário mencionar mais dois aspectos do anticomunismo formulado por Plínio Corrêa em 1959 no manual *Revolução e Contra-Revolução* (1998) que permaneceriam centrais na militância de Olavo de Carvalho. Primeiro a crença de que “não há neutros” na guerra total entre revolucionários e contrarrevolucionários, uma vez que todos os indivíduos estariam necessariamente inseridos – ainda que de maneira inconsciente - em algum dos lados que dividem a sociedade em dois polos antagônicos inconciliáveis.

Outro aspecto importante é encontrado na afirmação de que a próprio mundo espiritual teria se tornado o “moderno centro de embate entre a Revolução e a Contra-Revolução”. Antes uma “floresta verdejante”, a Igreja Católica teria sido convertida pelo “progressismo, instalado por quase toda parte” em “lenha facilmente incendiável pelo comunismo”. O que teria levado a Santa Igreja a também se dividir em dois polos antagônicos, reunindo “de um lado, progressistas, criptocomunistas e pró-comunistas, e de outro lado, antiprogressistas e anticomunistas” (OLIVEIRA, 1998, p.59).

Esse ponto é fundamental para compreender a virulência de Olavo de Carvalho contra padres, bispos e católicos progressistas, em especial contra os representantes da Teologia da Libertação. Chegando o escritor a questionar publicamente a autoridade do próprio Papa Francisco, considerado infalível por um dos dogmas centrais da doutrina que afirma professar.



Olavo de Carvalho
@opropriolavo

Seguir

Para mim, esse Bergoglio já deu no saco. Ele não é Papa nem no sentido mais figurado do termo:

[youtube.com/watch?v=MqtX6b ...](https://www.youtube.com/watch?v=MqtX6b...)

¡OGLIO. UN LOBO EN MEDIO DEL REB...



PADRES DENUNCIAM FRANCISCO

- Ajude essa obra doando qualquer quantia: <https://pag.ae/bcz5VT>

- Loja Virtual -

<https://lojatvnossasenhoradefatima.minestore.com.br/> - E-mail d...

[youtube.com](https://www.youtube.com)

07:28 - 28 de set de 2019

Fonte: Twitter⁶

⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/opropriolavo/status/1177953122637041671>> Acesso em: 11 Out. 2019

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ernesto. **Now we do: on politics and religion in Brazil after their recent presidential election**. The New Criterion. Jan. 2019. Disponível em: <<https://www.newcriterion.com/issues/2019/1/now-we-do>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci**. Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais & Stella Caymmi, 1994.

CARVALHO, Olavo de. **Desenhando a explicação: Que é militância?** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WmExeRDNvZw&t=332s>>. Acesso em: 24 Set. 2019.

CARVALHO, Olavo de. **Digitais do Foro de São Paulo**. Diário do Comércio, 28 de janeiro de 2008. Disponível em: <<http://olavodecarvalho.org/digitais-do-foro-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 23 Set. 2019.

CARVALHO, Olavo de. **ENTREVISTA AO PEDRO BIAL – 10 ABR 2019**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vsBZJqcpjhY&t=220s>>. Acesso em: 23 Set. 2019.

CARVALHO, Olavo de. **O Exército na História do Brasil**. 4 Vols. Rio de Janeiro/Salvador: Biblioteca do Exército e Fundação Odebrecht, 1998.

CARVALHO, Olavo de. **O Imbecil Coletivo: Atualidades Inculturais Brasileiras**. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade Editora, 1996.

CARVALHO, Olavo de. **O Jardim das Aflições: de Epicuro à Ressurreição de César - Ensaio sobre o materialismo e a religião civil**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

CARVALHO, Olavo de. **Olavo no Forum da Liberdade 2019**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xCfFmQiVEds&t=1050s>>. Acesso em: 23 Set. 2019.

CARVALHO, Olavo de. **O Mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

CASIMIRO, Flavio Henrique Calheiros. **A Nova Direita no Brasil: Aparelhos de Ação Político-Ideológica e Atualização das Estratégias de Dominação Burguesa**. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2016.

CHALOUB, Jorge. **As duas faces da corrupção no Brasil**. Le Monde Diplomatique Brasil. EDIÇÃO 146. 2 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/as-duas-faces-da-corrupcao-no-brasil/>>. Acesso em: 24 Set. 2019.

FORESTI, Luiz Felipe Loureiro. **O Arauto da Contra-Revolução: o Pensamento Conservador de Plínio Côrrea de Oliveira (1968-1976)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2013.

FORO DE SÃO PAULO. **Declaração de São Paulo**. 1990. Disponível em: <<http://forodesaopaulo.org/wp-content/uploads/2014/07/01-Declara%C3%A7%C3%A3o-de-S%C3%A3o-Paulo-1990.pdf>>. Acesso em: 23 Set. 2019.

FUKUYAMA, Francis. **The End of History and the Last Man**. New York: The Free Press, 1992.

GRAMSCI, Antonio. **A Revolução contra o Capital**. Avanti. 24 de Novembro de 1917. Publicado em Julho de 2007. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/gramsci/1917/04/24.htm>>. Acesso em: 23 Set. 2019.

INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS. **Quem somos**. Disponível em: <<https://iee.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 23 Set. 2019.

INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS. **Fórum da Liberdade**. Disponível em: <<https://iee.com.br/forum-da-liberdade/>>. Acesso em: 23 Set. 2019.

PATSCHIKI, Lucas. **Os Litores da Nossa Burguesia: o Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária (2002-2012)**. Marechal Cândido Rondon: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: O Anticomunismo No Brasil (1917-1964)**. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2000.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Anticomunismo e Antipetismo na Atual Onda Direitista**. 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/L%20Puglia/Downloads/ANTICOMUNISMO_E_ANTIPETISMO_NA_ATUAL_OND.pdf>. Acesso em: 23 Set. 2019.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. **Revolução e Contra-Revolução**. São Paulo: Artpress, 1998.

ROCHA, Camila. **“Menos Marx, mais Mises!”: uma Gênese da Nova Direita Brasileira**. Tese de doutoramento. São Paulo: USP, 2019.

ROCHA, C. **O Papel dos Think Tanks Pró-mercado na Difusão do Neoliberalismo no Brasil**. Millcayac Revista Digital de Ciencias Sociales , v. 4, p. 95-120, 2017.

SANTOS JUNIOR, Marcelo Alves dos. **Vai pra Cuba!!! A Rede Antipetista na eleição de 2014**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2016.

SECCO, Lincoln. **Gramscismo: uma ideologia da extrema-direita**. Blog da Boitempo: 2019. Pulicado em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2019/05/08/gramscismo-uma-ideologia-da-extrema-direita/>>. Acesso em: 24 Set. 2019.

WEINTRAUB, Abraham. **Palestra do Prof. Abraham Weintraub na Cúpula Conservadora das Américas (DEZ/2018)**. Canal de Eduardo Bolsonaro no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EKTpVqLLoaM&t=4s>>. Acesso em: 24 Set. 2019.